

A arquitetura da nossa Casa

O ecletismo do início do SÉC. XX

Renata Geraissati Castro de Almeida.

Colaboração Diogenes Sousa.

Arte Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah





N

esse mês de maio, em comemoração aos 125 anos de fundação da Casa da Boia, queremos contar um pouco mais sobre os detalhes da nossa casa.

Quem caminha pelas ruas do centro de São Paulo, região que é o marco do nascimento da cidade de São Paulo, se depara com inúmeras fachadas de edifícios que representam diversos períodos históricos e uma sobreposição de camadas de tempo, além de uma riqueza arquitetônica ímpar.

Convivem neste espaço edifícios modernos como o Copan e o Edifício Itália, com outros art déco, como o Edifício Altino Arantes e o Edifício Banco de São Paulo, e neoclássicos como o Edifício Rizkallah Jorge.

Mas o que significam essas várias nomenclaturas?

Variados estilos, materiais e referências coexistem em harmonia na fachada da Casa da Boia

Carlos Lemos, arquiteto e urbanista brasileiro, na coleção Primeiros Passos, ressalta que a Arquitetura é uma atividade humana que visa criar espaços habitáveis, funcionais e esteticamente agradáveis para as pessoas. Assim, ela não se restringe a apenas criar edifícios bonitos, mas também deve ser sensível às necessidades e desejos das pessoas que irão utilizar o espaço, garantindo conforto térmico, acústico e visual, segurança e a acessibilidade para todos.

Portanto, são um meio para melhorar a qualidade de vida das pessoas e um elemento crucial na construção de cidades mais sustentáveis, saudáveis e democráticas.

Diferentes épocas e regiões criam distintas soluções para lidar com as questões que se impõem e acabam por gerar um conjunto de ideias, conceitos e técnicas que se tornam padrões estéticos seguidos por muitos arquitetos.

Assim, os estilos representam contextos históricos e sociais específicos e refletem os valores de determinados períodos.

Dentro desta conceituação, qual seria então o estilo da nossa Casa?



Casa Rosada, sede do Governo Argentino.

① Ecletismo

Surgido em fins do século XIX, o ecletismo se caracteriza pela combinação de elementos de diferentes estilos arquitetônicos em um mesmo projeto, indicando que não haveria um único estilo ou forma de arquitetura considerado superior a todos os outros, mas que diferentes elementos podem ser combinados de forma harmoniosa entre si.

Segundo Benevolo (2005), o ecletismo surgiu em um momento de grandes transformações para a Arquitetura, com a crescente industrialização e urbanização das cidades e a necessidade de construir edifícios mais altos e funcionais. O surgimento de novos maquinários industriais promoveu um avanço na área da engenharia que, por sua vez,

possibilitou a inserção de novos materiais e métodos construtivos, a exemplo de uma maior disseminação do aço, do vidro e do ferro nas obras.

Apesar das inovações tecnológicas, os arquitetos continuavam a buscar referências em obras clássicas, assim, o ecletismo pode também ser compreendido como uma forma de conciliação entre a tradição e a modernidade, criando edificações que refletiam a complexidade do mundo moderno.

Para Giedion (1988), historiador da arquitetura, o ecletismo não se limitava a uma simples mistura de estilos, mas sim, envolvia um processo de seleção e combinação de elementos que buscavam criar uma unidade estética e funcional.



Museu do Palácio de Belas Artes. Na página seguinte, a Escola de Belas Artes.

Patetta (1987), caracteriza o Ecletismo enquanto uma cultura arquitetônica que “dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto” (p.13). Assim, a arquitetura mudava em um momento em que as exigências de uma produção em massa se

afirmavam e a clientela exigia cada vez mais a presença de soluções tecnológicas e “higiênicas” para as residências.

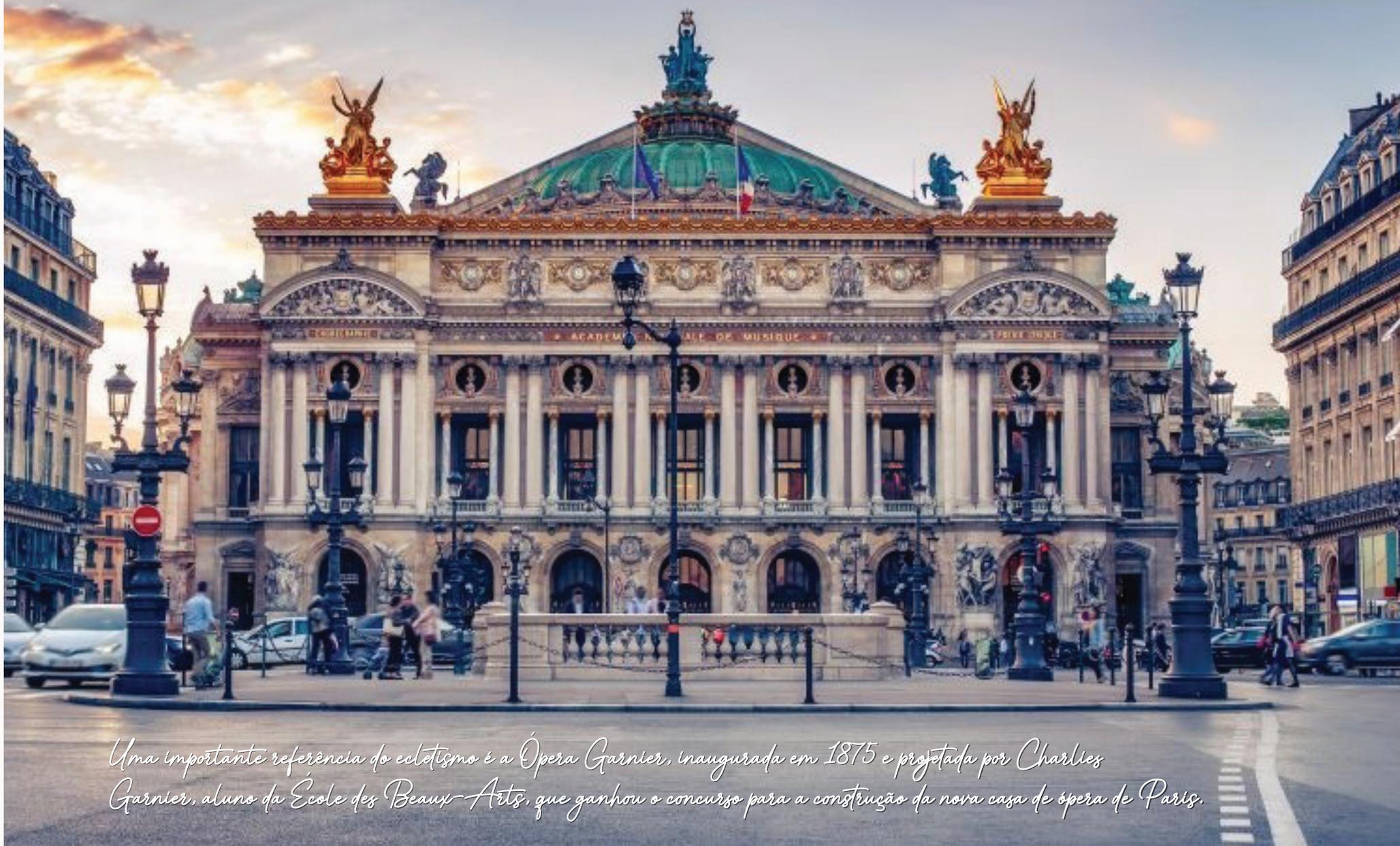
Para Pedone (2005), a École des Beaux-Arts, em Paris, uma das principais instituições de ensino do período, foi a “Escola do Ecletismo em Arquitetura”.



Por ser um local em que a educação profissional estava associada com a prática contemporânea e proporcionava um debate e reflexão permanente entre alunos e professores forneceu o necessário para o desenvolvimento desse estilo. Para Eprón (1997), a École des Beaux-Arts era uma entidade singular e paradoxal, pois ao contrário das outras instituições acadêmi-

cas que estabeleciam um conjunto de princípios constantes e absolutos, lá as doutrinas eram constantemente debatidas e repensadas. Assim, por sua estrutura, história e práticas promoveu um “modelo institucional de conflito”, não era uma instituição de ensino que comunicava um saber, mas sim uma pedagogia que se baseava em exercícios de experimentação (p.24).

Por ter sido uma corrente amplamente difundida ao redor do mundo, são inúmeros os exemplares que poderiam ser caracterizados como ecléticos, como a Casa Rosada na Argentina, o Palácio de Bellas Artes no México, a Sede do Banco do Japão, dentre outros.



Uma importante referência do ecletismo é a Ópera Garnier, inaugurada em 1875 e projetada por Charles Garnier, aluno da École des Beaux-Arts, que ganhou o concurso para a construção da nova casa de ópera de Paris.

O Eclétismo no Brasil

No Brasil, o eclétismo na arquitetura surgiu como desdobramento do academicismo, movimento institucional que caracterizou a produção artística durante a segunda metade do século XIX.

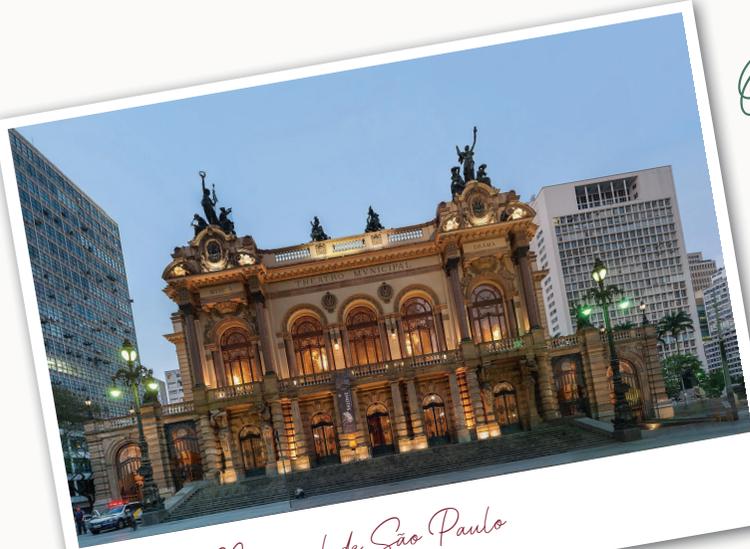
Foi uma tendência especialmente propagada pela Academia Imperial de Belas Artes, precursora da Escola Nacional de Belas Artes, nas primeiras décadas do século XX. Surgido em um contexto marcado por

transformações políticas, sociais e econômicas com a proclamação da República em 1889, a abolição em 1888, a chegada de imigrantes europeus e a incipiente industrialização e a expansão do comércio.

A partir de 1870 o eclétismo ganhou notoriedade e se consolidou como um gosto oficial empregado em inúmeros edifícios do período republicano no Rio de Janeiro, como

o Palácio Monroe, construído entre 1904 e 1906 para sediar o Senado Federal, que combinava elementos do neoclássico, art nouveau e barroco e o Palácio do Catete, construído no início do século XX para ser a residência presidencial, o edifício combina elementos do neoclássico, barroco e rococó.

Na capital federal, as intervenções no traçado urbano do prefeito Pereira Passos, de 1903 a 1906, e a Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos em 1908, afirmam o estilo no campo das ideias do urbanismo.



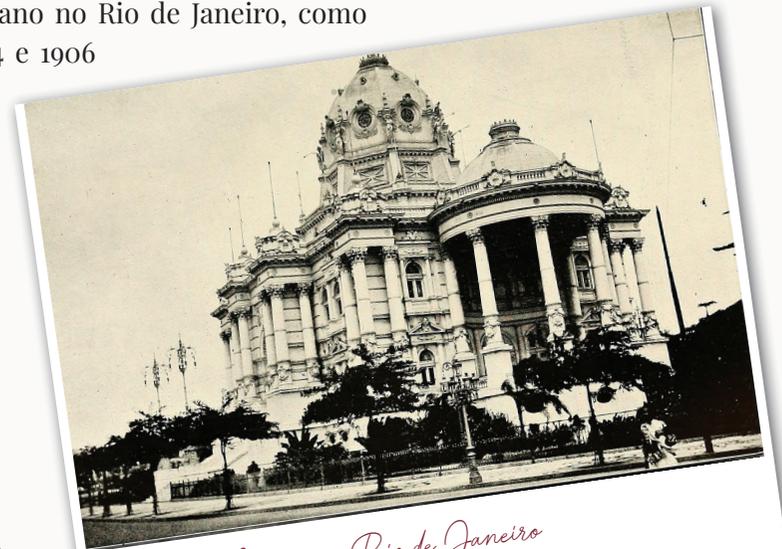
Teatro Municipal de São Paulo



Mercado Municipal de São Paulo



Antigo Desinfetório Central



Palácio Monroe, no Rio de Janeiro

Quando pensamos na capital paulista, o Escritório Técnico Ramos de Azevedo, foi um dos principais propagadores dessa estética em obras como o Theatro Municipal e o Mercado Municipal de São Paulo e junto de outros arquitetos como, Carlos Eckman e Victor Dubugras, participou da difusão do ecletismo.

A simetria, a composição da fachada, as proporções e o conceito de arquitetura falante que procura exprimir através do estilo a função a que se destina a edificação, algo perceptível quando analisamos a fachada de nossa loja.

A arquitetura com o viés eclético começou a entrar em declínio na década de 1930 com a propagação da

linguagem modernista. Muitos começaram a considerar o estilo como obsoleto, e criticá-lo por sua origem estrangeira desvinculada da realidade brasileira e a dissociação entre técnica e estética, e as narrativas sobre a história da arquitetura brasileira a menosprezaram.

Nas palavras de Mindlin (1956), no século XIX “encontravam-se lado a lado, no Brasil, como em outras partes do mundo, “o modesto estilo toscano, o gótico imponente, o belo mourisco, ou o elegante chalet. (...) Mas o exagero, que pode ser visto em vários edifícios até hoje existentes, acabou sendo o seu destino lógico” (p.25).

Foi, sobretudo a partir dos anos de 1980 que começaram a ser feitos esforços para a compreensão desse estilo “que transcendeu a arquitetura e as artes, para caracterizar a própria mentalidade duma época” (Fabris, 1987, p.7) e que figuras como Ramos de Azevedo e seus colaboradores começaram a ser estudadas.



*Palácio das Indústrias,
São Paulo.*

Nossa Casa

Poucos sabem, mas nossa loja já abrigou a família do fundador Rizkallah Jorge que permaneceu no imóvel de 1909 até 1919, quando se mudaram para seu palacete na Avenida Paulista, novo cartão-postal da cidade que abrigou muitos dos imigrantes de prestígio na cidade.

Portanto, inicialmente o local possuía um uso misto, isto é, congregava em um mesmo local mais de uma função: a loja e produção funcionavam no térreo, e a família residia no primeiro pavimento, assim, quando olhamos a fachada, podemos ver uma porta lateral que dava acesso direto à moradia sem necessidade de passar pelos espaços comerciais.



Casa da Boia, década 70 e nos anos 2000.

A demarcação de uma separação entre moradia/comércio está presente na ornamentação e no revestimento dos dois pavimentos.

O térreo é revestido por pedras de coloração cinza e contém espaço para as vitrines da loja, enquanto a parte superior é marcada por uma composição ricamente ornamentada por gradis, florais, figuras femininas e com varandas. Em uma fotografia de Rizkallah Jorge e Zakie Naccache, essa distinção de funções, que também pode representar a separação entre o espaço feminino, privado e o espaço público, por excelência masculino também pode ser contemplada.

A fachada inclui um elemento de grandes proporções que costuma passar despercebido pelos pedestres que circulam pela região e que explica muito sobre a história do comércio centenário, uma boia sanitária, objeto que projetou o comércio de artefatos em cobre nacionalmente e internacionalmente entre fins do século XIX e início do século XX.

Nos anos iniciais de seu funcionamento, a produção do local se restringia a artigos de decoração em cobre, tais como candelabros e arandelas, entretanto, principalmente a partir de 1903 a produção foi ampliada englobando também materiais sanitários tais como sifão, boia para caixa d'água, canos e caixas de descarga, a escolha sobre qual sorte de equipamento fabricar se vinculou diretamente com as demandas do período.



Ornamentos de inspiração mitológica.



Detalhes inspirados em formas naturais.



Estilos variados se combinam na fachada.



Vidro e madeira ocupam lugar de destaque.

Bibliografia

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. Perspectiva, 2005.

ÉPRON, Jean-Pierre. Comprendre L'Éclectisme. Paris: Norma, 1997.

GIEDION, Siegfried. Espaço, tempo e arquitetura. Martins Fontes, 1988.

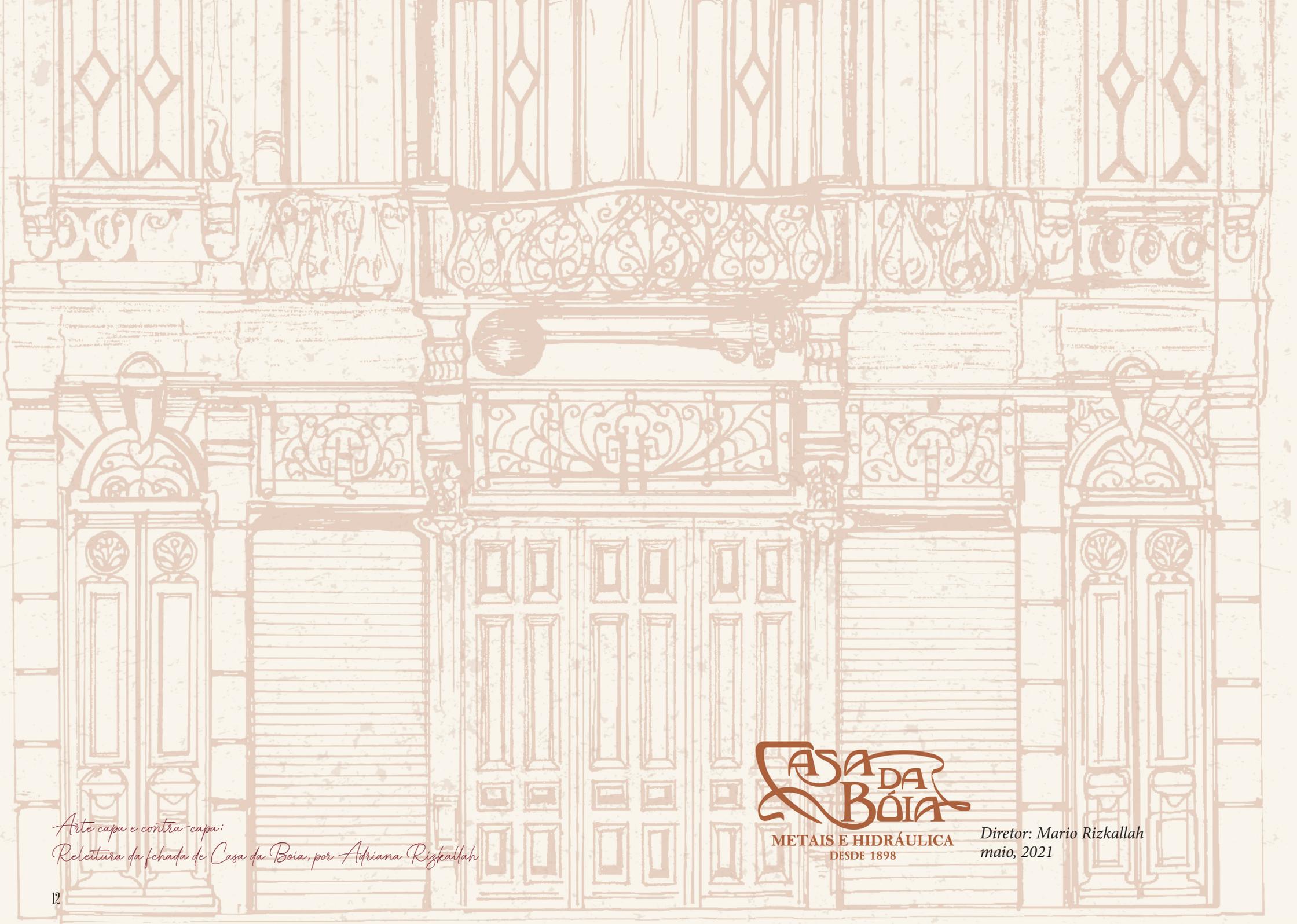
LEMOS, Carlos A.C. O Que é Arquitetura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2009. Coleção Primeiros Passos.

PATETTA, Luciano. "Considerações sobre o ecletismo na Europa". In: FABRIS, Annateresa (org.) Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel & EDUSP, 1987.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. O espírito eclético na arquitetura. ARQTEXTO, UFRGS nº6, 2005, p.126-137.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo (Org.); CZAJKOWSKI, J.(Org.). Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.





*Arte capa e contra-capas:
Releitura da fachada de Casa da Boia, por Adriana Rizkallah*

CASA DA BOIA
METALS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
maio, 2021*